

Material tem má qualidade

E o professor quem escolhe os livros, mas a qualidade dos exemplares vendidos à Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) está abaixo dos que são encontrados nas livrarias. A declaração da chefe do setor de livro didático da Fundação Educacional do DF, Vanda Gerbrim, reflete constatação feita ano passado no Seminário Regional do Livro Didático, ocorrido em Brasília.

Os livros, segundo se apurou, são impressos em papéis inferiores, com má qualidade de impressão e às vezes vêm faltando folha. "Em 1991, o livro "Texto e Contexto" da Editorial Brasil veio sem as páginas de 64 a 91", disse Vanda Gerbrim. E, o conteúdo ideológico, ressaltou, veicula idéias cheias de preconceito contra minorias raciais — mamelucos, índios e negros — e discrimina mulheres e pobres.

Um bom exemplo disso, disse a professora, está na cartilha de Joannita de Sousa. Era usado o seguinte texto para as crianças aprenderem a falar palavras com bê (b): "Na casa de Bete não tem bule bo-

nito. O bebê de Bete não bebe leite nem come bife batido. Coitado do bebê de Bete, ele é bobo e baba". A ilustração, informou Gerbrim, era uma mulher negra desarrumada, sentada no chão com uma criança nas mesmas condições. "Assim que foi detectado o preconceito, o livro foi retirado da lista a ser adotado. Mas a maioria dos exemplares, ainda hoje, traz o negro em situação inferior à do branco e as mulheres como donas de casa", garantiu.

Mesmo assim, assinalou Vanda Gerbrim, a professora da Universidade de Brasília Bárbara Freitag publicou em 1986 um estudo sobre a situação do DF — A política do livro didático —, onde se constatou que "ruim com ele pior sem ele". "Os preconceitos podem ser questionados pelo professor na sala de aula. Mas ainda existe uma dependência grande do docente em relação ao livro. As tendências ideológicas discriminatórias podem ser eliminadas, mas a pouca preparação do professor faz do livro didático um instrumento essencial para ensinar os alunos", frisou. (M.P.)